



EPISTEMOLOGIAS EMERGENTES: SOCIEDADE E PRODUÇÃO DE SABERES

Ana Luiza Salgado Cunha

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: aninhaluizasalgado@gmail.com

Raquel Arrieiro Vieira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: raquelarrieiro@hotmail.com

Solange Cardoso

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: solangecardoso1908@gmail.com

1273

INTRODUÇÃO

O presente estudo resulta de um processo de reflexão e problematização, cujo foco é a possibilidade de construção de saberes no ambiente universitário, tendo em vista a transformação e justiça social. O objetivo da elaboração deste texto é o de construir um diálogo sobre o papel do conhecimento na sociedade, a partir de algumas perspectivas teóricas. Para tanto, temos a epistemologia como ponto de partida na busca por um pensar sobre essa construção. Nesse sentido, em detrimento de um conhecimento singular, propomos um pensar plural, em conhecimentos, destinados à emancipação humana, para viabilizar a voz e vez do outro, o que não é dominante, favorecendo o (re)aprender por meio do diálogo.

Não pretendemos estabelecer um conceito preciso sobre a Epistemologia, uma vez que suas definições são variáveis, de acordo com as relações sociais e históricas e os tipos de conhecimentos produzidos em diferentes campos. Discutiremos o tema da construção de conhecimentos plurais na Universidade a partir de alguns textos escritos por Boaventura de Sousa Santos, com enfoque particular no artigo *Para além do Pensamento Abissal – Das linhas globais a uma ecologia dos saberes*, publicado em 2007; utilizou-se também utilizamos o livro *Investigação científica e Crise da racionalidade*, escrito por Jean-Marc Ela, publicado em 2012. Discutimos um importante campo de tensão social, o qual, especificamente nesse texto, o universitário, debatendo o saber e o poder como categorias em diálogo num permanente campo de disputas dentro das Universidades, sobretudo da Universidade pública.

Realização:



Apoio:





METODOLOGIA

O objetivo deste trabalho é construir um diálogo sobre o papel do conhecimento na sociedade, a partir de algumas perspectivas teóricas. Para sua elaboração, partiu-se das perguntas: como os conhecimentos plurais podem ser constituídos e evidenciados na Universidade? Que função o conhecimento exerce em outras epistemologias? A metodologia proposta é a dialógica, por meio da qual buscamos discutir com os autores a temática do texto.

Nosso enfoque metodológico foi constituído no diálogo com autores críticos, os quais discutem as categorias “conhecimento” e “Universidade”, pontuando a necessidade de dar visibilidade às formas “marginais” de construção de conhecimentos nesses lócus. Buscamos compreender como os autores Boaventura de Sousa Santos e Jean-Marc Ela discutem, na Epistemologia, a busca pelo conhecimento no âmbito da Universidade.

Construímos uma análise bibliográfica crítica fundamentada em alguns descritores: paradigmas, paradigmas emergentes, epistemológicas, conhecimento, ciência, saberes, universidade e transformação social. Buscando obras de Boaventura de Sousa Santos e de Jean-Marc Ela, bem como de comentadores de suas obras e reflexões. Assim, nossa reflexão foi organizada do seguinte eixo central: saber e poder em campos de disputas na universidade na globalização.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Compreendendo os efeitos da globalização e a consolidação de uma ciência cada vez mais rígida e voltada para o capital, a Universidade não consegue cumprir sua função social enquanto lócus de tessitura de conhecimentos transformadores. É possível percebermos que: cursos mais valorizados (status/financiamentos/oportunidades) são das áreas de exatas e biológicas; o descaso com os cursos da área de humanas e sociais; cursos criados tendo em vista interesses econômicos, de acordo com exigências governamentais, as quais visam ampliar o acesso sem oferecer estrutura suficiente; mesmo nos espaços dos cursos humanísticos, o pragmatismo, o tecnicismo, se faz presente de forma contundente com vistas ao atendimento das demandas do mercado e; o discurso da tecnologia e inovação, atualmente, sustentam o projeto de Universidade.

1274

Realização:



Apoio:





Esses pontos fazem parte de uma concepção de ciência e Universidade pautada pela lógica neoliberal da produção do conhecimento para o desenvolvimento econômico. Uma das razões para tal aproximação se deve ao argumento da necessidade de formação para habilidades e competências como resposta às demandas do mercado global.

Em uma sociedade pautada pela lógica capitalista, tanto a função da universidade quanto a função do conhecimento são definidas a partir de interesses voltados para atender a um mercado de trabalho. Para manter a reprodução do capital, a educação passa a formar de acordo com os novos padrões de trabalho e consumo; para isso, reestrutura os currículos com o objetivo de preparar os indivíduos (estudantes) para estarem sempre aprendendo aquilo que é necessário em um determinado contexto, em um momento da sua vida, tornando-os flexíveis e adaptativos (CARDOSO, 2020).

Afonso (2015) tece reflexões sobre a Universidade no contexto da economia do conhecimento, questionando a subalternização crescente das ciências sociais e humanas como campos de conhecimento, chamando atenção para os dilemas da formação de professores e de sua legitimação profissional, consequência da discrepância entre a importância potencial do conhecimento das ciências da educação. O autor traz como destaque as noções conceituais de *sociedade do conhecimento* e *sociedade da informação*, entre outras, ao tratar da legitimação ou justificação de decisões políticas, da definição de orientações econômicas e empresariais ou da indução de práticas sociais e educacionais para atender demandas do mundo contemporâneo.

O Relatório da UNESCO (2007) indica que a sociedade do conhecimento, se pensada numa perspectiva democrática, poderia abranger dimensões sociais, éticas e políticas bem mais vastas, sendo capaz de promover novas formas de solidariedade e de equidade. Porém, não são estes os valores e dimensões que tendem a prevalecer na dominante perspectiva capitalista, por meio da qual a sociedade do conhecimento é pautada em formas técnicas, instrumentais e produtivistas.

Ela (2012) aponta para o lugar de superioridade ocupado pelos cientistas, muitas vezes ocupando papéis de predição na modernidade, assim, compara a ciência a uma religião universal, na qual os cientistas assumem-se grandes sacerdotes, atuando em santuários fechados por meio de uma linguagem inacessível aos homens comuns.

Nessa mesma perspectiva, Santos (2010) afirma que a globalização neoliberal impõe, em especial, por meio das tecnologias da informação e da comunicação, desafios à Universidade pública, inclusive de natureza epistemológica, por meio das quais é



posta a exigência de transição de modelos de conhecimento, como a passagem do conhecimento universitário (homogêneo) ao pluriversitário (multilateral e heterogêneo).

Entendemos que o papel do conhecimento na produção capitalista é o de potencializador da força produtiva do trabalho, ou seja, o conhecimento torna-se propriedade e força de produção, fonte de valor social na reestruturação produtiva do capital. É recorrente que no discurso da sociedade capitalista o conhecimento apareça como elemento de forte valor social, como *sine qua non* para o sucesso dos indivíduos.

Ela (2012) explana que, para romper com essa soberania e superioridade da ciência vigente, é necessário abarcar as nuances do fazer científico, ponderando erros e dificuldades, os quais, certamente, perpassam esse processo, por serem instrutivos ao desencadear reflexões críticas e mais amplas acerca do contexto que se investiga, podendo perpassar outras esferas (sociais, históricas, políticas) e apontar novos avanços significativos. Nesse sentido, quando se discute ciência é fundamental estar atento ao fato de que elas estão vinculadas a uma multiplicidade de historicidades humanas.

Compreendemos que há um consenso dominante estabelecido acerca da ciência e das formas pelas quais ela deve ser produzida na Universidade. Contudo, é importante frisar o seu “caráter não natural”, e a necessidade de se travar a luta por um novo projeto de sociedade e uma nova concepção de ciência.

Para Santos (2010), há um movimento de emergência para uma nova racionalidade, considerando que o modelo “cristalizado” não mais atende às demandas científicas que se impõem. É preciso repensar a ciência numa perspectiva crítica, que viabilize uma remodelação das estruturas de pensamento que marcam o espírito científico; que possibilitem restituir à própria ciência sua capacidade de abertura a novos horizontes, de realidades complexas, autônomas e criativas.

Isso significa respeitar a diversidade, captar relações, inter-relações, realidades solidárias e conflituosas; e, ao mesmo tempo, ter um pensamento organizador que conceba a relação entre todas as partes, tendo o diálogo como fator crucial no processo de formação e de construção do conhecimento, marcado pela difícil busca de trocas mútuas entre a lógica da técnica, da prática e da equidade (FRANCO, 2018).



CONCLUSÕES

Pautamo-nos no combate a visão da Universidade como uma empresa, do conhecimento como produto e da financeirização da economia baseada no conhecimento, elementos úteis ao capitalismo, pois transformam tudo aquilo que envolve o conhecimento em produto de venda. Para tanto, ao construir e implementar a educação superior em países semiperiféricos e periféricos, sobretudo se a educação e a pesquisa forem opções estratégicas para o desenvolvimento de capacidade científica num ideário *descolonial* mais autônomo, em outras dimensões da vida social, política, econômica e cultural dos países periféricos, deve-se assumir a preocupação fundamental de promover um conhecimento autóctone e *descolonial*.

Espaço de disputas políticas e ideológicas, nossa perspectiva é a de uma Universidade como espaço de conhecimentos plurais, livre da hegemonia de determinadas perspectivas epistemológicas vinculadas aos saberes dominantes. Isto posto, cabe a ciência, própria do fazer universitário, corroborar para horizontalização das relações entre os mais diversos conhecimentos, contribuindo para a superação de uma disputa ideológica instaurada historicamente, num momento em que ciência, institucionalizada pela universidade, foi também pautada hegemonicamente nas ideias e ideais socialmente dominantes.

Os resultados obtidos neste estudo permitem a compreensão da Universidade como locus de produção e disseminação de saberes emancipatórios e, além disso, a indicação da necessidade de que o conhecimento se configure como “pluriuniversitário”. É necessário confrontar a monocultura da ciência moderna com uma ecologia de saberes, na medida em que se possa ser fundada no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos. Afinal, o conhecimento serve para quê(m)?

PALAVRAS-CHAVE: Epistemologia. Sociedade. Universidade.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Almerindo Janela. A educação superior na economia do conhecimento, a subalternização das ciências sociais e humanas e a formação de professores. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba-SP, v. 20, n. 2, p. 269-291, jul. 2015.

1277



CARDOSO, Solange. **As vivências do/no trabalho docente na Educação Infantil:** ciclo de vida profissional. 2020. 394f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

ELA, Jean-Marc. **Investigação científica e Crise da racionalidade.** Mangualde: Edições Pedago, 2012. (Coleção Releer África: Livro I).

FRANCO, Maria Estela Dal Pai; LAUXEN, Sirlei de Lourdes; HARTMANN, Maria de Lourdes B. Formação profissional e educação superior: da supremacia da técnica à coexistência de lógicas. *In:* GIANEZINI, K; LAUXEN, S. L.; VOLPATO, G.; FRANCO, M. E. D. **Educação superior:** políticas públicas e institucionais em perspectiva. Criciúma: Ed. UNESCO, 2018

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade no Século XXI:** para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

UNESCO. **Rumo às sociedades do conhecimento.** Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

1278

Realização:



Apoio:

